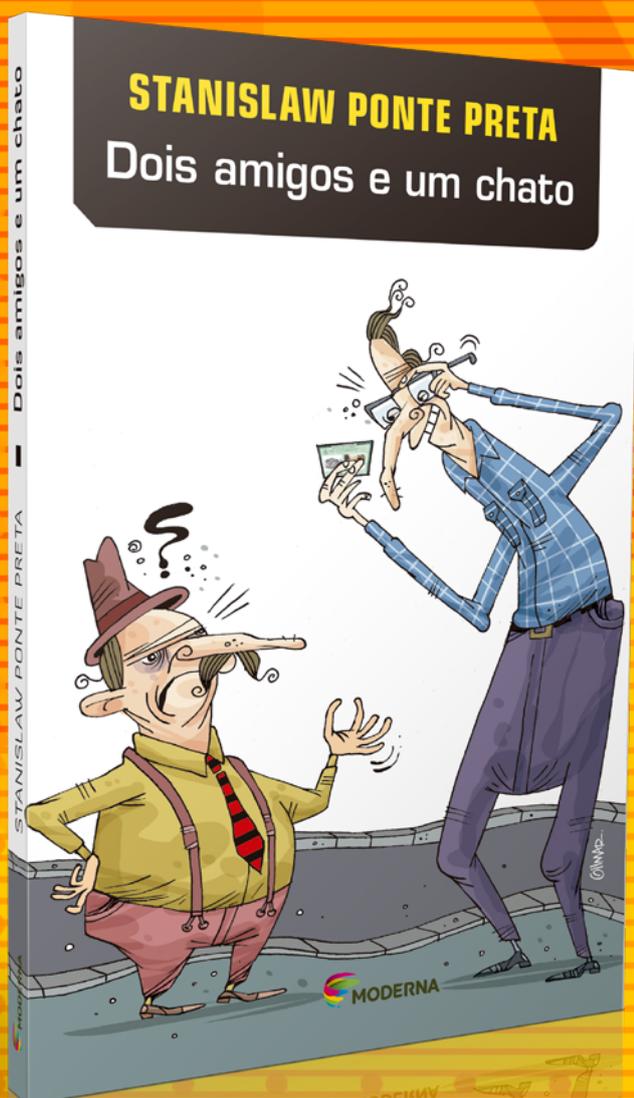


MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

DOIS AMIGOS E UM CHATO

STANISLAW PONTE PRETA

ELABORAÇÃO E ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA
MARIA JOSÉ NÓBREGA
E SAMIR THOMAZ



 MODERNA

SUMÁRIO

Carta ao Professor, **3**

Propostas de atividades 1, **8**

Propostas de atividades 2, **16**

Aprofundamento, **25**

Sugestões de referências complementares, **37**

Bibliografia comentada, **44**



CARTA AO PROFESSOR

Querida professora, querido professor,

*Neste manual, oferecemos a você muitas sugestões para apoiá-lo em seu trabalho na mediação de leitura de **Dois amigos e um chato**. A finalidade primordial destas propostas é estabelecer um intenso diálogo com a obra, visando a compreensão de seu funcionamento e a interpretação de seus efeitos.*

Em conformidade com a BNCC – Base Nacional Comum Curricular, a organização deste manual permite diferentes níveis de aprofundamento em relação às competências e habilidades estabelecidas pelo documento, bem como a articulação com diferentes áreas e seus componentes curriculares. Em função do tempo didático disponível e das possibilidades de planejamento possíveis em cada unidade escolar, é possível elaborar seu planejamento e adicionar seu tempero didático de modo a construir o roteiro mais adequado às necessidades de seus estudantes.

Boa leitura e sucesso em seu trabalho!

ÁRVORES E TEMPO DE LEITURA

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?'*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: "trouxeste a chave?".

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam coisas futuras.

"Decifra-me ou te devoro."

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore – a árvore do tempo – e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. [...] E Deus deu ao homem este mandamento: "Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer".²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais – em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas – é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

© Douglas Ferreira da Silva/O Cruzeiro/FAM/D.A. Press

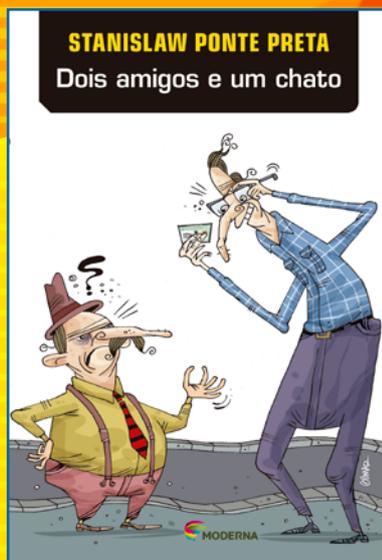


STANISLAW PONTE PRETA,

O AUTOR DE DOIS AMIGOS E UM CHATO

Sérgio Marcos Rangel Porto, o Stanislaw Ponte Preta, nasceu no dia 11 de janeiro de 1923, no Rio de Janeiro. Sua vocação para o humor despertou cedo, ainda nos tempos de colégio. Foi um menino alegre, de bom humor e um pouco gordinho. Daí seu primeiro apelido: Bolão. Antes de ingressar no jornalismo e na literatura, Sérgio Porto cursou a Faculdade de Arquitetura até o terceiro ano. Em 1942, começou a trabalhar no Banco do Brasil, onde ficou durante vinte e três anos. Ainda bancário, ingressou no jornalismo, fazendo comentários esportivos e reportagem policial. Em 1949, passou a assinar uma coluna na revista *Sombra*. Começou a escrever para o *Diário Carioca* em 1951, usando o pseudônimo Stanislaw Ponte Preta. Em 1952, aos 29 anos, casou-se com Dirce Araújo, com quem teve três filhas: Gisela, Ângela e Solange. Tinha uma extraordinária capacidade de criar e trabalhar, evidenciada a partir de 1949: escreveu também para os jornais *Tribuna da Imprensa*, *Diário da Noite*, *O Jornal*, *A Carapuça* (que ele fundou) e para as revistas *Manchete*, *Fatos e Fotos*, *O Cruzeiro*, *Mundo Ilustrado*, *Revista da Música Popular* etc. Trabalhou nas rádios Mayrink Veiga e Guanabara, do Rio, como comentarista esportivo e produzindo textos humorísticos; na televisão foi apresentador de programas, redator e locutor; escreveu ainda revistas teatrais, shows para televisão e boates, diálogos e argumentos para filmes etc.

Sérgio escolheu seu pseudônimo influenciado pela obra *Memórias de Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade. Dizem os estudiosos que, no livro de Oswald, Sérgio teria encontrado também seu grande filão: a irreverência. Produziu uma obra carioquíssima, até hoje insuperável, transpondo para jornais, revistas e livros o saboroso coloquial do Rio de Janeiro. Criador de Tia Zulmira, Rosamundo e Primo Altamirando, foi com Festival de Besteira que Assola o País – *FEBEAPÁ*, lançado em plena vigência do regime militar de 1964, que ele alcançou seu grande sucesso. Irreverente, Stanislaw afirmava ser difícil precisar o dia em que as besteiras começaram a assolar o Brasil. Era um mestre das comparações enfáticas: “Mais inchada do que cabeça de botafoguense”, “Mais suado do que o marcador de Pelé”, “Mais feia do que mudança de pobre”, “Mais murcho do que boca de velha”.



QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Crônica

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Sociologia, Filosofia, Arte.

Competências Gerais da BNCC:

2. Pensamento científico, crítico e criativo; 3. Repertório cultural; 4. Comunicação; 7. Argumentação; 9. Empatia e cooperação; 10. Responsabilidade e cidadania.

Temas: Projetos de vida; A vulnerabilidade dos jovens; *Bullying* e respeito à diferença; Cidadania; Diálogos com a sociologia e a antropologia; Ficção, mistério e fantasia.

SOBRE A OBRA

O livro reúne 39 crônicas que foram, originalmente, publicadas na imprensa entre 1950 e 1960. Muitas delas são verdadeiros clássicos da crônica de humor, de tal forma que várias se incorporaram ao repertório das piadas, como *Inferno nacional*, *A velha contrabandista*, *À beira-mar* etc. Os temas das crônicas são diversos, porém há um fio comum: o descortinar de um cotidiano rico, contraditório, complexo, disfarçado na aparente simplicidade, retratado pela objetiva de um narrador astuto e sensível às pequenas grandes mazelas do viver em sociedade. Tudo isso encorpado por um trabalho singular de linguagem em que “o que é dito” se entrelaça ao “como é dito”, transbordando humor por todos os lados.

Stanislaw faz desfilar aos olhos do leitor uma série de tipos humanos da vida urbana carioca (e brasileira), desvelando, com perspicácia e fino humor, as contradições, os anacrônicos costumes sociais, as pequenas perversidades cotidianas, as tensas relações do indivíduo comum, do governo com seus esquemas burocráticos.

Ler os textos do autor é sempre conhecer um pouco mais a alma humana, em geral, e a do brasileiro, em particular. Em *Dois amigos e um chato*, Stanislaw mostra uma espécie de cumplicidade com suas personagens, pois sua perspectiva é tão comprometida com o outro, que é possível dizer que há nele uma crítica que compreende e uma compreensão que critica.

FIOS E LINHAS

MARIA JOSÉ NÓBREGA

Conta-se que Teseu, o maior herói ateniense, precisou, certa feita, enfrentar um monstro que tinha o corpo de homem, a cabeça de touro e se alimentava de carne humana fornecida, a cada vez, com o sacrifício de sete moças e de sete rapazes da cidade de Atenas: era o terrível Minotauro.

Não era só a bestialidade do monstro que investia a tarefa de enorme perigo, mas a dificuldade do percurso. O monstro vivia encerrado em um labirinto, onde os caminhos se entrecruzavam, sem que, para alguns, houvesse saída. Muitos antes de Teseu haviam tentado enfrentar o desafio, mas foram derrotados pela fera ou, quem sabe, encurralados nas armadilhas do labirinto.

Foi Ariadne, uma jovem enamorada, que, temendo pela vida do amado, arquitetou, com a ajuda de Dédalo, um plano para demarcar o percurso, possibilitando que Teseu atingisse o centro, enfrentasse o Minotauro e voltasse seguro pelo mesmo caminho. Ela entregou ao herói um novelo que continha um fio mágico, um fio que nunca acabava, sob medida para Teseu desenrolar suas aventuras e retornar vitorioso e em segurança pela rota assinalada. Um fio que desenrolava a história e permitia ao narrador retornar para contá-la.

Teseu, não se sabe bem por que, vai abandonar Ariadne e viver outras histórias. Tristes, mas necessárias rupturas.

Começamos esta conversa com um mito que fala de fios que costuram amores e aventuras, que se entrelaçam e tecem os diferentes destinos. Mas fios e linhas também enredam textos que se revelam nas diferentes leituras de cada leitor.

Um texto traz sempre um convite: "Decifra-me!". Um leitor é sempre um desbravador de sentidos. As leituras, como os caminhos, podem ser, às vezes, difíceis. Mas tudo fica mais fácil se outro leitor desenrola o fio que costura o que se vai compreendendo a cada linha, revelando, como em um bordado, imagens que antes pareciam ocultas.

O fio que desliza nos dedos de Teseu é de Ariadne, mas o caminho não é dela, é dele. O percurso do herói-leitor não é o mesmo de quem estabelece com ele os processos de mediação com o texto, de quem desata os fios da compreensão e da interpretação dos labirintos da linguagem escrita. As aventuras são próprias daquele que caminha e retorna com histórias para contar.

O jovem leitor já construiu autonomia para decifrar as letras: não precisa mais de fios que lhe revelem o que elas representam. Mas, ingressando pelas veredas do mundo da escrita, precisará de outros tipos de fios: há trilhas simples que seu grau de autonomia leitora alcança, mas há outras mais complexas, prontas a desafiá-lo com linhas emaranhadas: não há aventura se não há desafios.

Não se forma um leitor se não o encorajamos a ampliar seus horizontes, porque há mais histórias... como a de Aracne, por exemplo, tecelã que urdia suas narrativas em tapeçarias que eram tão lindas que acabaram por despertar a inveja da deusa Minerva, que a transformou em aranha, condenando-a a tecer por toda a eternidade. Teias de histórias que se entrelaçam no território das palavras. Trouxeste o fio? Ou a chave?

Mas talvez quiséssemos saber mais a respeito de como aquele novelo chegou às mãos amorosas da jovem Ariadne. Ela contou com a engenhosa ajuda de Dédalo, criativo arquiteto, que por ter sido cúmplice do amor de Ariadne por Teseu, despertou a ira dos Deuses e acabou aprisionado no labirinto com seu filho Ícaro; mas, graças à sua enorme capacidade inventiva, confeccionou enormes pares de asas e acabou escapando.

Dédalo e Ícaro são personagens de outra bela história...

Como eles, leitores são espíritos livres que, tão logo podem, soltam os fios e voam. Dependem apenas das mãos amorosas de seus professores que, como Ariadne, encorajam e possibilitam o ingresso nos labirintos da escrita.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Nesta seção, os professores de Língua Portuguesa encontram uma sequência de atividades cuja finalidade é permitir a formação de um sujeito leitor, responsável e crítico, capaz de construir sentidos de modo autônomo e de argumentar a respeito de sua recepção da obra, constituindo-se como uma personalidade sensível e inteligente aberta aos outros e ao mundo. Ao partir da recepção do aluno-leitor, de sua **leitura subjetiva**, procura-se ampliar suas competências com a aquisição de saberes sobre os textos e sobre si; ao compartilhar essa experiência, em uma **leitura colaborativa**, procura-se submeter o texto do leitor à arbitragem dos pares e à autoridade do texto.

PRÉ-LEITURA

AS ATIVIDADES DE PRÉ-LEITURA MOBILIZAM A ANÁLISE GLOBAL DO TEXTO (A PARTIR DO TÍTULO, DA CAPA, DOS ELEMENTOS PARATEXTUAIS, DAS ILUSTRAÇÕES – SE PRESENTES), ESTIMULANDO PREDIÇÕES BEM COMO A MOBILIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS NECESSÁRIOS AO ENTENDIMENTO DA OBRA.

1. Nessa fase, você deve aproveitar para acostumar os alunos ao manuseio do livro: identificar o autor e a editora, verificar se o título é sugestivo, consultar o sumário, ler a quarta capa e observar outros aspectos gráficos do livro (fonte, tipologia e tamanho).
2. Apresente a obra à classe. Informe aos alunos que eles vão ler *Dois amigos e um chato*, de Stanislaw Ponte Preta. Pergunte se já leram algum livro desse

autor e se sabem alguma coisa sobre o assunto do livro. O conhecimento das características da produção literária de um autor também ajuda a construir expectativas a respeito da temática de um livro. Stanislaw Ponte Preta notabilizou-se pela produção de crônicas de humor irreverente. Verifique se os alunos conhecem o autor e se eles se apoiam nesse conhecimento para construir expectativas a respeito da temática do livro.

3. Analise com os estudantes a capa do livro, feita pelo artista gráfico Gilmar. Convide-os a observar a imagem que ela traz. Conseguem atribuir algum sentido? Como essas imagens se articulam com o título? Há alguma conexão direta? Que elementos conseguem identificar? Comente com eles que a ilustração da capa, ao empregar o traço próprio dos cartuns, já é um indicador do humor existente nas crônicas deste volume. Verifique se seus alunos estabelecem essa relação.

E o título, *Dois amigos e um chato*, que pistas fornece sobre a leitura? Veja se os alunos notam como *Dois amigos e um chato* é um título que também já direciona a obra para o humor. Essa atividade, além de estimular a imaginação dos alunos, certamente vai despertar maior interesse pela leitura.

4. Apresente aos alunos o sumário do livro e, com base nos títulos das crônicas, estimule-os a criar hipóteses sobre o que irão ler. Pergunte se algum título lhes chamou a atenção e por quê. Informe a eles que, como essa é uma coletânea de textos independentes entre si, não precisam necessariamente ser lidos na ordem em que aparecem na publicação. Deixe que os alunos façam uso do sumário para ler, em primeiro lugar, os textos que lhes despertaram mais interesse.
5. Explique aos alunos que o texto que aparece na parte de trás do livro é chamado de texto de quarta capa, onde se encontra a sinopse da obra. Com base nas informações contidas na sinopse, estimule os estudantes a criar hipóteses a respeito do livro e pergunte quais são suas expectativas de leitura.

As **ATIVIDADES DE LEITURA** IMPLICAM A COMPREENSÃO DO CONTEÚDO TEMÁTICO COM A SELEÇÃO DAS INFORMAÇÕES RELEVANTES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SÍNTESE E PARA A CHEGAGEM DAS PREDIÇÕES FEITAS ANTES DA LEITURA, PARA CONFIRMÁ-LAS, REFORMULÁ-LAS OU REFUTÁ-LAS.

1. Solicite aos alunos que anotem as palavras e as expressões que eles não conhecem, pesquisando-as no dicionário ou deduzindo o significado do próprio contexto em que aparecem. Você pode sugerir que eles façam um glossário com as gírias de época presentes nas crônicas de Stanislaw Ponte Preta. Para isso, podem eleger um ou dois colegas para ficar responsáveis pela organização dos verbetes e outros três ou quatro que serão incumbidos da redação final do glossário. Comente que farão, assim, o papel de editores do material – que contará com a sua supervisão.
2. Estimule os estudantes a verificar se as hipóteses levantadas por eles ao tomar contato com o título da obra e com a capa do livro estão sendo confirmadas na leitura. Comente que comparar as hipóteses com as escolhas do autor não é determinar o “certo” ou o “errado”, mas é trabalhar com possibilidades. O leitor lê tendo em vista seus conhecimentos de mundo e sua experiência leitora, mas sua leitura apoia-se também nas pistas presentes no texto. Acompanhe a leitura deles fazendo sondagens esporádicas sobre o que estão achando das crônicas, se a leitura é prazerosa ou difícil. Faça comentários estratégicos levando-os a perceber como o cronista parte, muitas vezes, de um assunto aparentemente corriqueiro para chegar a um desfecho surpreendente ou divertido que nos leva a refletir sobre o assunto.
3. Sugira aos alunos que leiam primeiro a crônica que dá título ao livro, *Dois amigos e um chato*. Comente que é comum em livros que reúnem crônicas, contos ou poemas adotar-se o título de um dos textos que integram o volume como título geral da obra. Depois, esclareça que podem ler as crônicas na ordem que quiserem.
4. Peça aos alunos que atentem na crítica, muitas vezes dura, e sempre contendo ironia, que Stanislaw Ponte Preta dirige a determinadas categorias de pessoas, como nestes trechos:

“O motorista, com aquela delicadeza peculiar à classe [...]” (p. 24)

“Um médico do SAMDU, muito a contragosto, compareceu ao local e deu o atestado de óbito.” (p. 28)

“– CALE-SE!!! – tornou a berrar o distinto policial, com aquele tom educado das autoridades policiais.” (p. 38)

“[...] dessas repartições estaduais, onde mosca treina aviação e onde se junta um monte de funcionários, esperando a hora de ir para casa [...]” (p. 55)

“[...] Se o Banco do Brasil não tem equilíbrio orçamentário, eu é que vou ter, é ou não é?” (p. 137)

Chame a atenção dos alunos para as críticas que estão embutidas nessas ironias. Você pode pedir aos alunos que tentem formar um consenso entre eles sobre qual é a visão de mundo de Stanislaw Ponte Preta. Comente que, a

julgar pelos trechos destacados, o autor não aprecia muito funcionários públicos, órgãos de Estado, certos tipos de profissionais. O que essas falas revelam do cronista? Elas são suficientes para formar um perfil?

5. Chame a atenção dos alunos para o fato de que um episódio corriqueiro, por exemplo, o assunto da crônica *Dois amigos e um chato* (p. 23), se transforma em uma crônica por meio do olhar atento do cronista. Questione os alunos: Com base nos cronistas que vocês já leram e na leitura deste livro de Stanislaw Ponte Preta, que características próprias vocês acham que um cronista deve ter? O que eles têm que as pessoas que não escrevem crônicas não possuem?
6. Peça aos alunos que notem como, em alguns textos, o autor introduz um recurso interessante de inserir alguém imaginário na crônica para fazer uma pergunta conveniente à narrativa, à qual ele mesmo responde:

“Se havia expectativa em torno do passamento do seu Irineu? Havia, sim. [...]” (p. 27)

“[...] Mas – eu pergunto – o cacique melhorou? E eu mesmo respondo: aqui ó...” (p. 92)

“[...] Como, minha senhora, por que foi que ele não morreu? Era greve do gás, madama.” (p. 95)

“Como, minha senhora? Qual é o fim da história? Pois a história termina aí, madame. [...]” (p. 133)

Pergunte aos alunos o que acham desse expediente narrativo usado

por Stanislaw Ponte Preta e por quê, em dois dos exemplos, ele chama a interlocutora imaginária de “madame” ou “madama”. O que isso revela da época em que vivia o cronista?

7. Comente com os estudantes que as crônicas de Stanislaw Ponte Preta são populares, porém são mais informais e coloquiais do que populares, quase uma linguagem oral, do dia a dia, cheia de gírias da época, mas que mantêm a qualidade literária dos melhores cronistas. Peça aos alunos que observem como muitas de suas crônicas contêm registros eruditos de linguagem misturados com elementos da linguagem popular, como em:

“[...] Devia estar fazendo isto há muito tempo, o que explicava a falta de óbolos” (p. 34)

“A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo [...]” (p. 66)

“[...] Um catre (porque em histórias assim a cama da personagem chama-se catre), uma cadeira, um armário tosco, alguns livros. [...]” (p. 73)

“[...] Além dos cleptomaníacos, que roubam pela aventura de roubar [...]” (p. 84)

“[...] Era um cubículo escuro, como sói acontecer nos prédios como aquele [...]” (p. 135)

Indague aos alunos: De que forma esse recurso linguístico contribui para o humor dos textos de Stanislaw Ponte Preta? Em outras palavras: em que consiste a graça dessa mistura de níveis de linguagem?

As **ATIVIDADES DE PÓS-LEITURA** PROMOVEM A REFLEXÃO SOBRE O CONTEÚDO TEMÁTICO OU EXPRESSIVO DA OBRA A PARTIR DE OUTRAS REFERÊNCIAS QUE PERMITEM IDENTIFICAR DIFERENTES PERSPECTIVAS POSSÍVEIS PARA O TEMA, ESTIMULANDO UMA RESPOSTA CRÍTICA QUE PODE ENVOVER VÁRIOS NÍVEIS DE COMPLEXIDADE OU GERAR NOVAS PERGUNTAS, QUE ENRIQUECEM E TRANSFORMAM A EXPERIÊNCIA LEITORA.

1. Forme uma “roda da leitura” com a turma para conversar sobre a experiência de leitura que tiveram. Sabemos que ampliamos nosso repertório textual também com a contribuição de outros leitores. Provavelmente, em outro momento, os alunos vão querer ler algumas crônicas do livro escolhidas pelos colegas. Estimule-os a falar, fazendo as seguintes perguntas: O que acharam do estilo de Stanislaw Ponte Preta? Quais são as principais características da escrita desse cronista? Qual personagem das crônicas mais lhes chamou a atenção ou causou sua admiração e por qual vocês sentiram aversão ou antipatia? Instigue-os a comentar e a justificar por que se identificaram com determinado personagem e repeliram outros, levando-os a analisar aspectos humanos como os éticos, os sociais, os humanos, os psicológicos, os físicos, entre outros, não esquecendo da época em que os textos desse autor foram produzidos. Conclua, indagando: Se você tivesse de eleger um tema que resumisse as crônicas de Stanislaw Ponte Preta, qual seria ele? Explique a sua escolha.
2. Nas crônicas de Stanislaw Ponte Preta, em vários momentos, nota-se que ele é um ótimo observador. Leve os alunos a perceber que algumas de suas crônicas nascem dessa observação atenta, sobretudo em lugares públicos,

o que revela uma curiosidade inata do escritor pelo comportamento do ser humano. Indague aos alunos: Pelo que depreenderam da leitura de *Dois amigos e um chato* e do que conhecem da leitura de outros cronistas, que atributos consideram importantes para quem escreve crônicas? Peça que justifiquem suas respostas.

3. Chame a atenção dos alunos para a descrição minuciosa que o autor faz do choro do homem no ônibus, no primeiro parágrafo da crônica *O homem ao lado*. Leve-os a perceber que, nessa descrição, Stanislaw Ponte Preta revela sua vocação de cronista, pois, quem iria prestar atenção ao choro de um homem em um transporte coletivo e, depois, descrevê-lo com tanta precisão?
Peça aos alunos que observem como o cronista apenas tangencia o real motivo do choro do homem, sem nomeá-lo ou explicitá-lo, dando rápidas pinceladas sobre a situação, como em um jogo de mostrar e esconder. Indague aos alunos: A crônica teria o mesmo efeito se o autor tivesse exposto, logo no início, o motivo da tristeza do homem? Nessa crônica, o que conduz a narrativa? Alguém saberia dizer qual é o tema da crônica?
4. Discuta com a turma as crônicas *O suicídio de Rosamundo* e *“Vai descer?!”,* que têm como protagonista Rosamundo,

um dos mais queridos personagens de Stanislaw. Provavelmente, na primeira crônica, os alunos vão se dividir ao avaliar o comportamento de Rosamundo em relação à mulher amada. Muitos vão perceber a quebra de expectativa do final do texto e a sutil crítica ao governo. No segundo texto, a situação inusitada em que se mete Rosamundo é responsável pelo humor da crônica.

5. A maneira como uma pessoa fala permite que se construam algumas hipóteses sobre ela, por exemplo, de onde ela é, a que segmento social pertence, idade aproximada etc. Na crônica *Latricério*, o porteiro do prédio em que mora o narrador-personagem “tinha um linguajar difícil”. Ao longo do texto, o leitor vai conhecendo a forma muito singular que caracteriza a linguagem desse personagem, o que, de um lado, torna o texto engraçado, e, de outro, permite perceber a profunda simpatia do narrador por Latricério: conviver com ele era um puro exercício de compreensão de linguagem. Reflita com os alunos como a questão das variações linguísticas é repleta de estereótipos e pode gerar preconceito.
6. Solicite aos alunos que pesquisem em revistas, jornais e portais de notícias da internet charges ou tirinhas que façam algum tipo de crítica social e as tragam para a classe. Chame a atenção deles para a força da imagem e do poder de síntese desses gêneros textuais. Organize os estudantes em grupos para que cada um escolha uma crônica do livro, transformando-a em outra linguagem, como charge ou tirinha. No final, prepare com eles um varal com as produções.

7. Na crônica *Inferno nacional*, o autor traça uma imagem pouco alvissareira do Brasil. Lembre aos alunos que esse texto foi escrito nos anos 1950 ou 1960. Questione-os: Alguma coisa mudou de lá para cá no Brasil em relação ao que é mostrado na crônica? Por que o Brasil tem essa imagem? Peça que pesquisem, informalmente, o chamado “jeitinho brasileiro”. Comente que há quem defenda o “jeitinho brasileiro” com o argumento de que ele faz as coisas funcionarem. Coloque o assunto na roda e pergunte: Vocês concordam com essa afirmação? Por quê?
8. Leve os alunos a perceber que, em *Ano-Bom*, Stanislaw Ponte Preta faz um contraponto à crônica *Cartãozinho de Natal*. Peça que, em grupos, façam um levantamento para verificar no que consiste esse contraponto. Que pontos específicos de *Cartãozinho de Natal* estão em oposição em *Ano-Bom*? Peça que selecionem trechos para justificar as oposições que identificarem.
9. Leia com os alunos a seção Autor e obra, para que se aproximem um pouco mais do universo de Stanislaw Ponte Preta. Os alunos provavelmente notarão que o cronista exercia várias atividades, como bancário, jornalista, comentarista esportivo, locutor de rádio, redator e diretor de programas humorísticos, que se refletem em algumas de suas crônicas. Proponha a eles que escrevam, em poucas linhas, uma breve e honesta biografia, enumerando fatos e acontecimentos de sua história sem explicar o contexto em que se deram, como fez Stanislaw.

POR MAIS "VERDADES DE MENTIRA" NA SALA DE AULA

SAMIR THOMAZ

Em uma pequena e aclamada obra chamada *A literatura em perigo*, o ensaísta e historiador búlgaro Tzvetan Todorov (1939-2017), um apaixonado por literatura desde criança – seus pais eram bibliotecários –, chama a atenção para o fato de que, em nossa época, a literatura corre o risco de não mais participar da formação cultural e humana das pessoas.

Todorov se refere, de maneira crítica, à forma como a literatura é ensinada nas escolas já há algumas décadas e ainda nos dias de hoje, com base no formalismo-estruturalismo, que leva às conhecidas e muitas vezes aborrecidas aulas em que os alunos são obrigados a memorizar a periodização das escolas literárias e as teorizações sobre elas, ficando o texto propriamente, ou seja, a literatura, relegada a segundo plano.

Nascido em uma Bulgária nos tempos do domínio soviético sobre as repúblicas do leste europeu, se por um lado o jovem Todorov tinha duas bibliotecas à disposição – a de seus pais –, por outro, à medida que crescia e evoluía na escola – ele optou por cursar Letras –, era obrigado a conter seu entusiasmo e fascínio pelos clássicos da literatura e prestar reverência à ideologia oficial.

Para que seus estudos literários não fossem interrompidos (e para escapar da censura), ele dirigiu seus primeiros trabalhos como estudante, professor e escritor para as formas linguísticas do texto – estilo, composição, foco narrativo, análise gramatical –, que são neutras, despidas de ideologia.

Somente depois que foi para Paris – onde se fixou e concluiu seu doutorado – é que pôde, enfim, ter uma relação mais livre e direta com a literatura. “De meados dos anos 1970 em diante, perdi o interesse pelos métodos de análise literária e passei a me dedicar à análise em si, isto é, aos encontros com os autores”, afirma o ensaísta.

Leitor reprimido na juventude, a constatação de Todorov de que a literatura está em perigo, no entanto, foi feita bem mais tarde, em uma época, a nossa (seu livro é de 2007), na qual a maioria dos países vive em democracias, ou seja, as crianças e adolescentes têm liberdade para ler uma ampla variedade de autores, participam de feiras e bienais de livros e frequentam uma escola cada vez mais preocupada com a pluralidade de ideias, a liberdade de expressão, a diversidade cultural, o protagonismo juvenil, a tolerância, os direitos humanos e a formação cidadã. Sem contar as múltiplas possibilidades da internet, que democratiza o acesso à informação e, por conseguinte, à leitura.

Esta é a realidade de um país como o Brasil. Não obstante suas desigualdades socioeconômicas, que afetam dramaticamente não apenas os níveis de leitura, mas a apreensão do conteúdo das demais disciplinas do currículo escolar, os recentes programas governamentais de fomento à educação e incentivo à leitura têm procurado diminuir essas discrepâncias, fazendo com que crianças e adolescentes tenham cada vez mais contato com os livros, com a cultura e com o conhecimento letrado e científico.

Não é uma tarefa simples em um país continental. E, apesar dos esforços, este é um jogo que estamos perdendo e precisamos virar. O fato é que ainda se lê pouco em nosso país. Um dos reflexos disso são os pífios resultados dos estudantes brasileiros no Pisa (Programme for International Student Assessment), da OCDE, que avalia os conhecimentos de matemática, ciência e leitura de estudantes de 15 anos de idade. Na prova do Enem de 2019, chamou a atenção o fato de que, de um total de mais de 3,9 milhões de candidatos, apenas 53 tiraram a nota máxima em redação enquanto quase 150 mil zeraram³.

A razão pode estar, assim como na época do jovem Todorov, na forma como a escola tem lidado com o ensino de literatura. Enquanto na Bulgária dos tempos da guerra fria havia a repressão e a censura, no Brasil atual a escola continua insistindo no modelo formalista-estruturalista de aulas, com ênfase em escolas literárias e análises teóricas – o que, como defendem teses pontuais como as de Todorov, tende a afastar os alunos do encanto, do prazer das descobertas, do estímulo à crítica e à reflexão que a leitura dos bons autores proporciona.

Em um mundo no qual há um clamor pela ideia de verdade, mas que, paradoxalmente, é dominado pela pós-verdade e pelas *fake news*, os jovens talvez se ressintam da “verdade de mentira” que a literatura (e o cinema, o teatro, as HQs) possibilitam. É preciso que eles enxerguem na leitura (sobretudo na leitura de ficção) muito mais do que a obrigação de se inteirar

³ BERMÚDEZ, Ana Carla. Enem 2019: 53 candidatos tiraram nota mil na redação; 143 mil tiraram zero. UOL. Disponível em: <<http://mod.lk/enem>>.

de um volume de informações cifradas contidas em algumas dezenas de páginas (que é como muitos adolescentes veem os livros) com o objetivo efêmero de serem aprovados no vestibular e passem a perceber que a “verdade de mentira” escondida naquelas páginas é muito mais do que um mero enredo ou um simples relato.

Essa “verdade de mentira”, ao viabilizar a imersão em outra lógica de realidade, movida pela imaginação e pela fantasia, abre para eles uma infinita gama de possibilidades. É o velho e conhecido “what if?” dos escritores – em português, o “e se?”. E se isto acontecesse? E se determinado fato não tivesse sucedido do modo como se deu? E se um morto resolvesse escrever suas memórias póstumas? E se eu acordasse transformado em uma barata?

O contato com os grandes prosadores não apenas amplia o repertório cultural e de linguagem dos leitores, mas os contamina dessa amplitude de reflexão e de pensamento e os liberta dos determinismos cotidianos de que muitos jovens são vítimas em um país como o Brasil: “E se a minha vida fosse diferente do que é?”.

Ao sair do real, a literatura nos traz um entendimento profundo do que o mundo é, das dimensões nem sempre discerníveis do tempo e do espaço, de quais coordenadas silenciosas regem nossas vidas em sociedade. Enfim, a leitura dos bons autores, do presente e do passado, nacionais e estrangeiros, nos dá uma consciência cidadã do nosso papel como ser humano em um mundo em que os valores cada vez mais se metamorfoseiam e se pulverizam.

Assim disse o jornalista e escritor José Castello, em uma entrevista para o Caderno 2:

Queremos sempre estar quites com o mundo, mas nunca conseguimos. Este “nunca conseguir” é a própria vida. Enquanto a ciência perfura as coisas em busca de seu centro e a religião se eleva na ilusão de vê-las por inteiro, a literatura dança em torno delas. Ninguém escreve um romance para dizer a verdade, ou chegar à verdade. Para a literatura, o mundo é um enigma em torno do qual só nos resta girar e dançar.

Cabe à escola, no geral, e aos professores, de modo particular, rever sua forma de atuar para atingir o coração e a mente do jovem do século XXI, ávido de conhecimento, de verdades, de vida, mas também das “verdades de mentira” com que a literatura, desde Homero, Dante, Shakespeare, Cervantes, Victor Hugo, Machado vêm enriquecendo a alma humana.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Nesta seção, os professores de Língua Portuguesa em diálogo com docentes de outros componentes curriculares encontram sugestões para uma abordagem interdisciplinar, estabelecendo conexões entre a invenção literária e outras formas de discurso ou práticas do mundo social, considerando a obra literária como uma estrutura móvel, capaz de dar respostas diversas em diferentes contextos. As atividades propostas transitam entre o contexto de produção e de recepção da obra literária, procurando refletir a respeito das expectativas de cada período, de cada grupo social com o propósito de desenvolver a capacidade argumentativa e inferencial dos estudantes.

Assim como na seção Propostas de atividades 1, aqui a organização também se dá em atividades para os momentos de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

PRÉ-LEITURA

AS ATIVIDADES DE PRÉ-LEITURA MOBILIZAM A ANÁLISE GLOBAL DO TEXTO (A PARTIR DO TÍTULO, DA CAPA, DOS ELEMENTOS PARATEXTUAIS, DAS ILUSTRAÇÕES – SE PRESENTES), ESTIMULANDO PREDIÇÕES BEM COMO A MOBILIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS NECESSÁRIOS AO ENTENDIMENTO DA OBRA.

LÍNGUA PORTUGUESA Faça com os alunos um levantamento daquilo que já sabem a respeito do gênero “crônica”. Como identificá-lo? Quais são suas principais características? Quais são os temas mais recorrentes? Proponha a seguir que façam uma pesquisa mais detalhada sobre esse gênero, híbrido entre jornalismo e literatura, de modo a corrigir e complementar as informações levantadas. Como surgiu a crônica? Como ela se modificou através dos tempos? Quais são os diferentes tipos de crônica? Quais são os principais cronistas da literatura brasileira? Por que a crônica, em seu formato atual, é considerada um gênero tipicamente brasileiro? Peça aos alunos que pesquisem em *sites*, jornais e livros e tragam algumas crônicas publicadas na semana para ler com a classe. Que tipos diferentes de crônica podem ser identificados nessa pequena amostra? Qual é a diferença entre uma crônica e um artigo? E entre uma crônica e um conto? Organize com os alunos um mural com crônicas publicadas recentemente em jornais, revistas e *sites*, como uma forma de estabelecer uma conexão com os assuntos da atualidade.

As **ATIVIDADES DE LEITURA** implicam a compreensão do conteúdo temático com a seleção das informações relevantes para a construção de uma síntese e para a checagem das predições feitas antes da leitura, para confirmá-las, reformulá-las ou refutá-las.

1. **LÍNGUA PORTUGUESA** Na crônica *Caixinha de música* (p. 11), Stanislaw Ponte Preta afirma, em tom de reclamação, que as histórias que “a gente” escreve são verídicas. Trata-se, portanto, de uma introdução metalinguística ao texto, ou seja, antes de entrar propriamente no assunto da crônica, ele faz uma defesa da veracidade do que costuma escrever e pede perdão a Deus para aqueles que acham que seus escritos são fantasiosos.

Peça aos alunos que, ao longo da leitura das crônicas, observem se o cronista é coerente com essa afirmação. Afinal, há cronistas que tomam uma situação qualquer que observam no cotidiano apenas como ponto de partida, dificilmente descrevendo a situação tal como aconteceu; outros modificam algum elemento dela, pois nem sempre a situação em si daria assunto para uma crônica; e assim por diante. Reforce, no entanto, que o que Stanislaw Ponte Preta afirma é que, no caso dele, os fatos são relatados fielmente da forma como se deram. Indague aos alunos: Em quais crônicas

o enredo leva a entender que os acontecimentos não se deram conforme o cronista os presenciou? Por quê? E em quais delas vocês perceberam que a narrativa se aproxima do fato presenciado?

2. **LÍNGUA PORTUGUESA** Peça aos alunos que observem o uso que o cronista faz dos diminutivos. Lembre a eles algumas frases em que esse recurso linguístico aparece, como em:

“[...] entrei numa casa que me pareceu mais modestinha.” (p. 12)

“[...] E a mulherzinha que dança, doutor, é uma gracinha.” (p. 13)

“Foi aí que, segurando o guarda-chuva, um embrulho e mais o vidrinho da urinazinha [...]” (p. 24)

“[...] Mariazinha era uma mulherzinha decidida, que nunca perdia o bom humor [...]” (p. 50)

“[...] Tudo que é menininho gosta de bala. [...]” (p. 80)

Questione os alunos: Que efeito eles acham que o autor quis causar com esse recurso? Será que ele conseguiu? Depois de ouvir as respostas, pergunte a eles: Que impressão esses diminutivos causaram em você?

As **ATIVIDADES DE PÓS-LEITURA** PROMOVEM A REFLEXÃO SOBRE O CONTEÚDO TEMÁTICO OU EXPRESSIVO DA OBRA A PARTIR DE OUTRAS REFERÊNCIAS QUE PERMITEM IDENTIFICAR DIFERENTES PERSPECTIVAS POSSÍVEIS PARA O TEMA, ESTIMULANDO UMA RESPOSTA CRÍTICA QUE PODE ENVOLOVER VÁRIOS NÍVEIS DE COMPLEXIDADE OU GERAR NOVAS PERGUNTAS, QUE ENRIQUECEM E TRANSFORMAM A EXPERIÊNCIA LEITORA.

1. **LÍNGUA PORTUGUESA** Em algumas crônicas, Stanislaw Ponte Preta inicia a história com a expressão “Diz que...”. Solicite aos alunos que escrevam uma pequena narrativa que comece com “Diz que...”. O tema é livre, mas é imprescindível que o texto comece com essa fórmula muito usada pelo cronista.

2. **LÍNGUA PORTUGUESA** A crônica é composta, muitas vezes, de uma cena ou *flash* do cotidiano. Em geral, é usado o discurso direto, como forma de dar agilidade à narrativa. Assim, esse gênero pode propiciar um bom trabalho de leitura em voz alta. Organize os alunos em grupos para que façam leituras dramáticas das crônicas. Dê tempo para que haja ensaios, na busca de uma melhor expressividade, tendo em vista a audiência.

3. **LÍNGUA PORTUGUESA** Solicite a um aluno ou aluna que leia para os colegas a crônica *Conto de mistério*. Ao final da leitura, comente com eles que o texto é claramente uma crítica à falta de feijão nos mercados, fato que deveria estar acontecendo quando o escritor escreveu a crônica. Questione os estudantes: O texto lido é um conto ou uma crônica? Chame a atenção deles para o fato de que a narrativa é conduzida de modo a manter o suspense. Mas que, no entanto, ao revelar o motivo de

tanto mistério, o texto se insere em um tempo real, vinculado a um fato real, aproximando-se, portanto, das características de uma crônica.

4. **FILOSOFIA** Peça aos alunos que, em duplas, escolham um dos Cara/Coroa da crônica *Cara ou coroa* e o comentem criticamente. Oriente-os a fazer a crítica do ponto de vista dos valores de nossa época, com base em nossa ética coletiva atual, que condena o machismo, o feminicídio, o racismo, a violência contra a mulher, a homofobia, e exalta a diversidade cultural, a pluralidade de ideias, a liberdade de expressão, a tolerância e o respeito. Ao final, você pode fazer um comentário explicando o conceito de senso comum e falando da dinâmica das sociedades atuais, que cada vez mais desnaturalizam costumes há muito arraigados e desconstroem os sentidos comuns em favor de uma melhor convivência entre as pessoas.

5. **FILOSOFIA** Informe os alunos que na crônica *Prova falsa*, o conflito enfrentado pelo interlocutor do cronista se insere em um importante dilema moral, que opõe duas teorias iluministas: o imperativo categórico, do filósofo alemão Immanuel Kant, e o utilitarismo, do filósofo britânico Jeremy Bentham. Explique que, pelo imperativo categórico, temos a obrigação de dizer a verdade com base em nossa autonomia moral.

Diz a máxima desse imperativo: "Age de tal maneira que o seu agir seja modelo de conduta universal". Já o utilitarismo relativiza a verdade, nos aconselhando a agir de acordo com a situação e antevendo as consequências de nosso ato. Diz a máxima do utilitarismo: "A maior felicidade para o maior número de pessoas". Ou seja, nem sempre dizer a verdade é o mais recomendado, segundo o utilitarismo.

Traga essa discussão ética para o dia a dia dos alunos colocando para eles a seguinte hipótese. Se eles estivessem em uma festa e alguém ligasse em seu celular perguntando se determinada pessoa se encontrava no local, pois a estava procurando para assassiná-la, o que eles fariam? Diriam a verdade ou mentiriam, afirmando que a pessoa não se encontrava? Explique que, se dissessem a verdade, agiriam de acordo com o imperativo de Kant, colocando a pessoa em risco; se mentissem, estariam de acordo com o utilitarismo e dariam tempo à pessoa de se proteger da ameaça.

Ao final da discussão, indague aos alunos: O personagem da crônica que falsificou o xixi do cachorro agiu de acordo com Kant ou com Bentham?

6. **FILOSOFIA** Na crônica *Cartãozinho de Natal*, Stanislaw Ponte Preta faz uma espécie de profissão de fé do cronista. Depois de explicar aos alunos o que é profissão de fé – uma declaração de seus valores, princípios, opiniões –, peça a eles que problematizem os versinhos criados pelo autor. Você

pode começar pedindo que consultem no dicionário o significado da palavra *seráfico*. Depois, pergunte: Por que ele usa a expressão "inferno das notícias"? E por que ele enfrenta esse "inferno" com "expressão seráfica"? O que isso diz sobre a disposição com que um cronista encara diariamente o ofício de escrever crônicas? Questione também: Por que o autor não se sente otimista? Será que todos os cronistas se sentem assim? Peça que levantem hipóteses. O contato com as palavras estaria na origem desse pensamento cético, pessimista, crítico? Um pensamento crítico é, necessariamente, pessimista? Por quê?

7. **SOCIOLOGIA** Comente com os estudantes que a crônica *Brasil, 2063* faz um exercício de futurismo, algo muito comum nos anos 1940, 1950 e 1960, em razão dos avanços proporcionados pela Segunda Revolução Industrial então em curso, também conhecida como Revolução Técnico-Científica. Acrescente que, passadas mais de cinco décadas da escrita desse texto, e mais de uma década após 2012 (o ano em que se passa a história que a crônica conta), vemos que muitas das previsões de Stanislaw Ponte Preta não se confirmaram. Outras, como o advento da internet ou da inteligência artificial, ele nem imaginava. Questione os alunos: Por que é mais fácil errar do que acertar previsões do tipo que o cronista fez? Em que modelo o autor se baseou para fazer suas previsões? Que previsão absurda você apontaria no texto e qual foi a mais próxima do acerto? Peça aos alunos que

criem hipóteses, com base no tempo atual, sobre o futuro da humanidade, em médio e longo prazo. Hoje temos instrumentos mais precisos para prever o futuro? Por quê? Quais seriam eles?

8. **SOCIOLOGIA** Solicite aos alunos que releiam este trecho da crônica *O sabiá do Almirante*:

“– Patrão, tem um homem no quintal.

Era ladrão. Pobre ladrãozinho. O Almirante pegou o 45, que tinha guardado na mesinha de cabeceira, e saiu bufando para o quintal. Lá estava o mulato magricela, encolhido contra o muro, muito mais apavorado que a doméstica acima referida. [...]

– Se mexer leva bala, seu safado.”
(p. 102)

Em uma roda de conversa, oriente-os a, levando em conta a época em que o trecho foi escrito, problematizá-lo do ponto de vista de nossa época, que não tolera um texto (ou qualquer forma de arte) que relacione de forma tão direta e naturalizada os afrodescendentes com a chamada marginalidade. Com base em nossa ética coletiva contemporânea, que condena o racismo, entre outras formas de preconceito, peça aos alunos que discutam como deve ser a leitura ou a fruição de uma obra de arte produzida em uma época em que o preconceito, as discriminações e estigmatizações sociais eram tolerados e aceitos como normal.

9. **ARTE** Promova, se possível, a audição das canções a seguir, que falam de temas que se aproximam do universo de Stanislaw Ponte Preta e de sua época – os comentários sobre elas estão nas Sugestões de Referências Complementares deste encarte. Estimule os alunos a observar os valores de época que as canções descrevem. Elas podem ser exploradas de diversas maneiras em sala de aula, de acordo com a sua estratégia didática: a) podem servir de tema para uma produção textual na qual os estudantes devem escrever de forma crítica sobre o que diz a letra; b) podem ser objeto de discussão em sala de aula; c) podem servir de sensibilização para o início de uma aula sobre algum tema explorado no livro. Em todos os casos, é fundamental que os estudantes tragam de casa a letra da canção impressa ou copiada. Instigue-os a buscar informações sobre os compositores e cantores, além dos gêneros musicais apresentados. Em cada canção sugerida, há a indicação da(s) crônica(s) a que seu tema se refere.

Alegria, alegria, com Caetano Veloso. [crônica *A garota-propaganda, coitadinha!*].

Disponível em: <<http://mod.lk/alegria>>.

Chororô, de Gilberto Gil. [crônica *Pedro – o homem da flor*].

Disponível em: <<http://mod.lk/gilberto>>.

De frente pro crime, de João Bosco e Aldir Blanc, com João Bosco. [crônicas *Testemunha ocular e Repórter policial*]. Disponível em: <<http://mod.lk/defrente>>.

Estado violência, de Charles Gavin, com a banda Titãs. [crônica *Do teatro de Mirinho (a burocracia do buraco)*]. Disponível em: <<http://mod.lk/estadovi>>.

Flores em você, com a banda Ira! [crônica *Pedro – o homem da flor*]. Disponível em: <<http://mod.lk/floresem>>.

Homenagem ao malandro, de Chico Buarque. [crônica *Ladrões estilistas*]. Disponível em: <<http://mod.lk/homenage>>.

Não vem que não tem, de Wilson Simonal. [crônica *O milagre*]. Disponível em: <<http://mod.lk/naovem>>.

Pais e filhos, de Renato Russo com a banda Legião Urbana. [crônica *Ano-Bom*]. Disponível em: <<http://mod.lk/paisefil>>.

Panis et circenses, de Caetano Veloso e Gilberto Gil, com Os Mutantes. [crônica *A garota-propaganda, coitadinha!*]. Disponível em: <<http://mod.lk/panis>>.

Procissão, de Gilberto Gil. [crônica *O milagre*]. Disponível em: <<http://mod.lk/procissa>>.

Vovó Ondina é gente fina, com a banda Paralamas do Sucesso. [crônica *A velha contrabandista*]. Disponível em: <<http://mod.lk/ondina>>.

10. **ARTE** Promova, se for possível, uma sessão de cinema em sala de aula com um dos filmes sugeridos a seguir, ou solicite aos alunos que se organizem individualmente, em duplas ou em

grupos, na casa de algum deles, para a realização da sessão. Estimule-os a buscar informações sobre o diretor e os atores, sobre a história e seu contexto, traçando paralelos com situações narradas em *Dois amigos e um chato*.

Santo Forte. (Brasil, 1999).

Documentário. Direção de Eduardo Coutinho. Duração: 1h20min.

Documentário sobre a religiosidade de moradores de uma favela da zona sul do Rio de Janeiro, em forma de entrevistas que mostram que as classes populares possuem padrões de comportamento religioso semelhante. O filme retrata católicos, umbandistas, evangélicos, entre outros.

Disponível em: <<http://mod.lk/santofor>>.

Sábado. (Brasil, 1994) Comédia. Direção de Ugo Giorgetti. Duração: 1h25min.

Crônica da cidade grande em linguagem cinematográfica. A ação acontece em apenas um sábado, num velho edifício de São Paulo, durante a gravação de um comercial, em que se pode observar o conflito entre classes sociais.

(Vídeo) *Termos racistas pra abolir do seu vocabulário*. Lilia Moritz Schwarcz.

Canal da Lili. mar. 2020. Duração:

4min53s. Nesse vídeo, a historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz, professora da USP, apresenta um vocabulário de 16 termos racistas que são usados no dia a dia pelas pessoas sem que, muitas vezes, elas se deem conta do teor preconceituoso que há neles.

Disponível em: <<http://mod.lk/abolir>>.

LITERATURA É APRENDIZADO DE HUMANIDADE

DOUGLAS TUFANO

A literatura não é matéria escolar, é matéria de vida.

A boa literatura problematiza o mundo, tornando-o opaco e incitando à reflexão. É um desafio à sensibilidade e à inteligência do leitor, que assim se enriquece a cada leitura. A literatura não tem a pretensão de oferecer modelos de comportamento nem receitas de felicidade; ao contrário, provoca o leitor, estimula-o a tomar posição diante de certas questões vitais. A literatura propicia a percepção de diferentes aspectos da realidade. Ela dá forma a experiências e situações que, muitas vezes, são desconcertantes para o jovem leitor, ao ajudá-lo a situar-se no mundo e a refletir sobre seu próprio comportamento.

Mas essa característica estimuladora da literatura pode ser anulada se, ao entrar na sala de aula, o texto for submetido a uma prática empobrecedora, que reduz sua potencialidade crítica.

Se concordarmos em que a escola deve estar mais atenta ao desenvolvimento da maneira de pensar do que à memorização de conteúdos, devemos então admitir que sua função mais importante é propiciar ao aluno atividades que desenvolvam sua capacidade de raciocínio e argumentação, sua sensibilidade para a compreensão das múltiplas facetas da realidade. A escola, portanto, deveria ser, antes de tudo, um espaço para o exercício da liberdade de pensamento e de expressão.

E se aceitarmos a ideia de que a literatura é uma forma particular de conhecimento da realidade, uma maneira de ver o real, entenderemos que ela pode ajudar enormemente o professor nessa tarefa educacional, pois pode ser uma excelente porta de entrada para a reflexão sobre aspectos importantes do comportamento humano e da vida em sociedade, e ainda permite o diálogo com outras áreas do conhecimento.

O professor é o intermediário entre o texto e o aluno. Mas, como leitor maduro e experiente, cabe a ele a tarefa delicada de intervir e esconder-se ao mesmo tempo, permitindo que o aluno e o texto dialoguem o mais livremente possível.

Porém, por circular na sala de aula junto com os textos escolares, muitas vezes o texto literário acaba por sofrer um tratamento didático, que desconsidera a própria natureza da literatura. O texto literário não é um texto didático. Ele não tem uma resposta, não tem um significado que possa ser considerado correto. Ele é uma pergunta que admite várias respostas; depende da maturidade do aluno e de suas experiências como leitor. O texto literário é um campo de possibilidades que desafia cada leitor individualmente.

Trabalhar o texto como se ele tivesse um significado objetivo e unívoco é trair a natureza da literatura e, o que é mais grave do ponto de vista educacional, é contrariar o próprio princípio que justificou a inclusão da literatura na escola. Se agirmos assim, não estaremos promovendo uma educação estética, que, por definição, não pode ser homogeneizada, massificada, despersonalizada. Sem a marca do leitor, nenhuma leitura é autêntica; será apenas a reprodução da leitura de alguma outra pessoa (do professor, do crítico literário etc.).

Cabe ao professor, portanto, a tarefa de criar na sala de aula as condições para o desenvolvimento de atividades que possibilitem a cada aluno dialogar com o texto, interrogá-lo, explorá-lo. Mas essas atividades não são realizadas apenas individualmente; devem contar também com a participação dos outros alunos – por meio de debates e troca de opiniões – e com a participação do professor como um dos leitores do texto, um leitor privilegiado, mas não autoritário, sempre receptivo às leituras dos alunos, além de permitir-lhes, conforme o caso, o acesso às interpretações que a obra vem recebendo ao longo do tempo.

Essa tarefa de iniciação literária é uma das grandes responsabilidades da escola. Uma coisa é a leitura livre do aluno, que obviamente pode ser feita dentro ou fora da escola. Outra coisa é o trabalho de iniciação literária que a escola deve fazer para desenvolver a capacidade de leitura do aluno, para ajudá-lo a converter-se num leitor crítico, pois essa maturidade como leitor não coincide necessariamente com a faixa etária. Ao elaborar um programa de leituras, o professor deve levar em conta as experiências do aluno como leitor (o que ele já leu? como ele lê?) e, com base nisso, escolher os livros com os quais vai trabalhar.

Com essa iniciação literária bem planejada e desenvolvida, o aluno vai adquirindo condições de ler bem os grandes escritores, brasileiros e estrangeiros, de nossa época ou de outras épocas. Nesse sentido, as noções de teoria literária aplicadas durante a análise de um texto literário só se justificam quando, efetivamente, contribuem para enriquecer a leitura e compreensão do texto, pois nunca devem ser um fim em si mesmas. A escola de Ensino Fundamental e Médio quer formar leitores, não críticos literários. Só assim é possível perceber o especial valor educativo da literatura, que, como dissemos, não consiste em memorizar conteúdos mas em ajudar o aluno a situar-se no mundo e a refletir sobre o comportamento humano nas mais diferentes situações. Literatura é aprendizado de humanidade.

Nesta seção, apresentamos aos professores de Língua Portuguesa orientações e subsídios que podem ajudá-los a ter claras as definições conceituais do cânone literário, já estudadas em seus anos de formação, mas sempre sujeitas a controvérsias (como veremos adiante), bem como às rupturas formais e instrumentais que a literatura, em sua dinâmica própria, estabeleceu ao longo dos séculos até os dias de hoje. Ao fazer da experiência humana matéria-prima de sua atividade, não se pode esperar que a literatura se deixe aprisionar em conceitos abstratos. No entanto, e sobretudo na escola, em que os alunos estão muitas vezes tendo o primeiro contato com a sistematização desse estudo, é preciso que eles conheçam as conceituações básicas, para que, com base nelas, ampliem e aprofundem o seu conhecimento.

Com essas orientações e subsídios, o professor poderá organizar a sua leitura e apreensão do fenômeno literário, para que possa explorar as suas potencialidades e aplicá-las de forma proveitosa e fecunda no contato com os estudantes, fazendo com que a aula de literatura extrapole o âmbito meramente daquele que sabe e daquele que aprende, mas se transforme em um diálogo vivo, uma troca criativa e inovadora que, sem dúvida, irá conduzir aquele que aprende ao conhecimento da literatura, mas também irá proporcionar àquele que sabe a experiência de poder rever seus conhecimentos, ampliando-os, à luz da comunhão que a leitura proporciona.

As orientações e subsídios a seguir contemplam ainda o diálogo que as obras literárias, naquilo que possuem de específico e de universal, estabelecem com as produções artísticas de outros gêneros, literários ou não, contemporâneas ou de outro tempo. Na já referida dinâmica própria do fazer e do fruir literários, que se acentuaram nos últimos séculos com o advento de novas formas de arte – haja vista as possibilidades que a revolução digital tem proporcionado tanto a quem lê quanto a quem produz literatura em nossos dias –, não é mais razoável nem satisfatório que a experiência dos alunos com os livros se circunscreva apenas ao âmbito das palavras, por mais ricas e infinitas que sejam. É necessário que eles adquiram um olhar pragmático para compreender de que modo aquilo que o escritor, dramaturgo ou poeta colocou em sua obra, com toda a sutileza e a singularidade com que foi concebido, pode ser visto de outros prismas estéticos, outras concepções artísticas, outros ângulos epistemológicos, enfim, outros olhares, sem deixar de ser fiel à “espinha de peixe” – expressão usada pela cineasta Suzana Amaral, pródiga em transpor obras literárias para o cinema, para se referir ao manancial de conhecimento do mundo ímpar que toda obra literária traz.

O GÊNERO DA OBRA

CRÔNICA

O gênero crônica está associado, em sua origem, ao vocábulo grego *khronos* (nome emprestado do deus grego Cronos), que significa tempo. *Cronômetro* e *cronologia*, por exemplo, palavras que se relacionam com o tempo, também têm origem nesse vocábulo. A palavra *crônica*, por sua vez, provém de *khroniká*, que significa “relacionado ao tempo”. Em latim, essa palavra derivou para *chronica*, empregada para indicar os escritos que faziam o registro dos acontecimentos históricos em uma sequência cronológica, sem se preocupar em interpretar os fatos ou em se aprofundar neles.

No século XIX, com o crescimento das grandes massas de trabalhadores nas metrópoles, atraídos pelo trabalho assalariado nas fábricas, a literatura começou a se oferecer como um entretenimento possível ao proletariado – uma vez que as elites sempre a cultivaram. Com a consolidação da imprensa, que engendrou os primórdios daquilo que conhecemos hoje como “opinião pública”, ganharam forma nesse período os romances de folhetim, que eram lidos com a avidez com que se assiste às novelas de TV hoje em dia. De modo tímido e discreto, no entanto, a crônica foi se insinuando nas páginas dos jornais, ainda sem a configuração com que a conhecemos atualmente. Um grande cronista desse período, para se ter uma ideia do vigor que a crônica já possuía, foi Machado de Assis, que, não obstante a acurácia de sua narrativa, não alcançava o mesmo destaque que seus contos e romances.

Foi somente no início do século XX, com o advento da República e uma sociedade mais dinâmica, que convivia com velhos problemas – como a abolição mal resolvida dos escravizados e revoltas que evidenciavam uma parcela crítica da população com os rumos do país –, que a crônica começou a tomar forma. A imprensa já possuía certa envergadura econômica e podia manter um grupo seletivo de escritores – como fez o jornal *O Estado de S. Paulo* – para exercer a crítica descontraída da sociedade, dos costumes e dos grandes temas da época por meio de textos que se diferenciavam das notícias e reportagens sobre os assuntos importantes do dia, com textos com forte teor jornalístico, objetivos e diretos.

Grande importância teve a Semana de Arte Moderna de 1922 para que a literatura brasileira – e com ela a crônica – se desvincilhasse das influências francesa e portuguesa. Vem das décadas de 1920 e 1930 a primeira leva dos grandes cronistas brasileiros, que iriam sedimentar o caminho para as gerações seguintes.

Dessa primeira safra, destaca-se o capixaba Rubem Braga, filho do jornalismo de guerra, apreciador de árvores e passarinhos, que nas décadas de 1940 e 1950 burilou um estilo próprio, que faria escola e daria o tom, nas décadas seguintes, do que deveria ser uma boa crônica para agradar sobretudo ao leitor urbano, uma vez que as cidades, com bancas de jornal em que se podiam comprar os diários e as revistas com crônicas saídas quentinhas do forno, propiciavam o encontro entre os cronistas e seu leitor.

Arredio a badalações – e, dizem, em geral mal-humorado, no bom sentido –, o “velho Braga”, como era chamado carinhosamente pelos amigos, respondeu com atilada ironia a um jornalista que lhe pediu que definisse a crônica.

– Se não é aguda, é crônica – respondeu Rubem Braga.

Anos depois, Fernando Sabino, outro grande expoente do gênero, também sem paciência para tentar conceituar o que era crônica, saiu-se com essa:

– Crônica é tudo aquilo que o cronista chama de crônica.

Para bom entendedor, tente conceituar a crônica, colocá-la em uma redoma de vidro para observá-la ou em um tubo de ensaio para decompor seus elementos, e você a perderá – talvez para sempre. Em vez disso, por que não deixar que os cronistas as escrevam e os leitores as leiam? Talvez tenha sido isso que Rubem Braga e Fernando Sabino quiseram dizer com suas respostas enviesadas.

No mundo da eficiência e das definições em que vivemos atualmente, no entanto, tudo precisa ser analisado, codificado, compartimentalizado em sistemas abstratos mediante métodos e práticas. Assim, nem a crônica, por mais que esperneasse, conseguiu escapar das análises e das conceituações. De modo que hoje não apenas podemos ler crônicas saborosas dos mais diferentes estilos – de humor, poética, ensaística, narrativa, reflexiva, metalinguística etc. –, como podemos ler alentados trabalhos – muitos deles excelentes – que fornecem informações preciosas sobre a prática da crônica e seus autores (com as quais nem o velho Braga nem Fernando Sabino sonhariam). Nada substitui, porém, a velha e simples prática de pegar um livro nas mãos, abrir na primeira página – ou, se for um livro de crônica, no início de uma crônica qualquer – e começar a percorrer suas páginas com os olhos, o pensamento e a emoção. É tudo o que uma crônica – como, de resto, toda literatura – requer.

SOBRE OS ESTILOS LITERÁRIOS

Para introduzir a questão da arte moderna, e, por extensão, da literatura moderna, seria bom considerar este comentário de 1956, do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, que expressa uma concepção com que qualquer artista moderno ou contemporâneo concordaria:

"O autor de hoje trabalha à sua maneira, à maneira que ele considera mais conveniente à sua expressão pessoal. Do mesmo modo que cria sua mitologia e sua linguagem pessoal, ele cria seu conceito de poema e, a partir daí, seu conceito de poesia, de literatura, de arte. Cada poeta tem a sua poética. Ele não está obrigado a obedecer a nenhuma regra, nem mesmo àquelas que em determinado momento ele mesmo criou, nem a sintonizar seu poema a nenhuma sensibilidade diversa da sua. O que se espera dele, hoje, é que não se pareça a ninguém, que contribua com uma expressão original. [...]

Para empregar uma palavra bastante corrente na vida literária de agora, o que se exige de cada artista é que ele transmita aquilo que em si é o mais autêntico, e sua autenticidade será reconhecida na medida em que não se identifique com nenhuma expressão já conhecida. Não é preciso lembrar que, para atingir essa expressão pessoal, todos os direitos lhe são concedidos. [...]

Pode-se dizer que hoje não há **uma** arte, não há **a** poesia, mas há artes, há poesias. Cada arte se fragmentou em tantas artes quantos forem os artistas capazes de fundar um tipo de expressão pessoal."

NUNES, Benedito (org.). *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1971, p. 190-191. (Coleção Poetas Modernos do Brasil)

Como se vê, chegou ao fim a noção de “estilo”, “escola” ou “convenção” literária, tal como se concebia nos séculos anteriores. Esse é um processo que começa com o Romantismo, no século XIX, e atinge seu maior desenvolvimento no século XX. É a proclamação da independência estética do artista moderno, fenômeno que se verifica em praticamente todos os campos artísticos, da música à literatura e às artes plásticas. Cada artista cria sua própria concepção de arte. Daí a sensação de “estilhaçamento” quando observamos o panorama da literatura moderna e contemporânea. Hoje, estudamos autores e não grupos ou gerações literárias.

Isso não quer dizer que os escritores de hoje não tenham nada a ver com a tradição. Têm, sim, mas a diferença agora é que a forma de apropriação da tradição é feita de maneira absolutamente pessoal.

Os primeiros vinte anos do século XX, na Europa, assistiram a essa desintegração total dos chamados “estilos de época”, com repercussões profundas no Brasil a partir principalmente da década de 1920. A Semana de Arte Moderna de 1922 pode ser vista como um ponto de referência desse processo de transformação.

Ao falar da poesia brasileira do século XXI, Manuel da Costa Pinto reitera o que disse João Cabral, cinquenta anos antes. Sobre os poetas que selecionou para sua Antologia, diz ele: “[...] sem esquecer, é claro, que todo escritor possui uma singularidade irredutível a influências e recortes teóricos”. (*Antologia comentada dos poetas brasileiros do século 21*, Publifolha). É o reconhecimento do fim dos estilos que englobavam escritores de uma mesma geração ou época.

O QUE É LITERATURA?

Seria importante que os professores levassem o aluno a perceber que literatura é construção da linguagem. Isto é, ainda que tenha como referência o mundo real, a marca da literatura é o fato de ser ficção, ela é fruto da inventividade do autor. Literatura é, pois, recriação da realidade e não, como muitas vezes se diz, um “retrato” da realidade. E nessa recriação o autor tem plena liberdade, como disse João Cabral. Pode explorar formas de linguagem, criar palavras, imaginar enredos – nada o prende à realidade imediata. E é exatamente essa liberdade que torna a literatura um campo de possibilidades virtualmente infinito. Ao entrar nesse universo fictício, o leitor sabe que qualquer coisa pode acontecer. Não é um jogo de cartas marcadas, mas um espaço desconhecido a ser percorrido e descoberto.

Desenvolver esse novo conceito de literatura como uma “aventura” intelectual talvez seja o grande desafio da escola. O aluno não deve ler como se fizesse uma prova ou um questionário (como ocorre nos vestibulares, por exemplo). Deve ler como uma conquista, porque isso pode abrir seu horizonte existencial. Essa é a dimensão educativa da literatura.

O declínio da importância das “escolas literárias” levou ao declínio também da preocupação em reconhecer as características de cada uma, como uma lista a ser decorada. Por isso, hoje a literatura deve ser trabalhada como forma de enriquecimento e ampliação do universo emocional e intelectual do aluno. Esse deve ser o resultado das leituras feitas no Ensino Fundamental e Médio.

Nesse sentido, a diversidade de gêneros literários é importante para a formação do leitor, para abrir o seu horizonte, para mostrar-lhe o que ele pode usufruir ao longo de sua vida, e não apenas durante os anos escolares. A escola é apenas o ponto de partida, e não o ponto de chegada.

Por isso, mesmo um livro escrito há vários séculos, como *D. Quixote*, permanece atual. Porque proporciona essa aventura intelectual, esse voo da imaginação. Não para alienar o leitor, mas para fazer com que ele, no fim da leitura, volte à sua realidade e a veja com outros olhos. O diálogo da obra com o mundo em que vive o aluno é fundamental para que a literatura exerça seu papel educativo.

Essa nova concepção de leitura e formação do leitor é fundamental para as escolas criarem seus projetos de leitura, isto é, a seleção de livros que os professores *devem ler junto* com os alunos. Podemos identificar o conceito de educação de uma escola com base nos livros que ela indica e nos livros que ela *não* indica.

Por isso, o mestre Antonio Candido dizia que o acesso à literatura deveria ser um direito básico do ser humano.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES DE APROFUNDAMENTO

Em **Atividades de aprofundamento**, são apresentadas propostas que permitem compreender o funcionamento contemporâneo das convenções literárias relacionadas à obra, apoiar a leitura crítica, criativa e propositiva para explorar as potencialidades da escrita literária com os estudantes. Nessa seção, indicam-se também produções contemporâneas de outros gêneros (literários ou não) que permitem um diálogo intertextual com diferentes aspectos da organização da expressão literária e sua articulação com a experiência individual e social.

1. **LÍNGUA PORTUGUESA** Organize a turma em duplas ou trios e peça que escolham:
 - uma das crônicas para explicar como o humor é construído. É possível que os alunos levantem como recurso: a quebra de expectativa, como em *Testemunha tranquila*; o inusitado da situação, como em “*Vai descer?!*”; os jogos de palavras, como em *O leilão de Santo Antônio*; as escolhas lexicais, como em *Repórter policial* etc.;
 - uma das seguintes crônicas: *Brasil, 2063*, *Do teatro de Mirinho (a burocracia do buraco)*, *O milagre*, *Ladrões estilistas*, *Fábula de dois leões*, *A ignorância ao alcance de todos*, *Panaceia indígena*, para explicitar de qual perspectiva é feita a sátira social, a crítica ao governo ou à burocracia;
 - uma das seguintes crônicas: *Pedro – o homem da flor*, *Zezinho e o Coronel*, *O sabiá do Almirante*, *O psicanalisado*, *Levantadores de copo*, para descrever alguns tipos humanos;
 - uma dessas três crônicas: *À beira-mar*, *A velha contrabandista*, *Inferno nacional*, para contá-la oralmente em forma de piada.
2. **SOCIOLOGIA** Comente com os alunos que a crônica *A garota-propaganda, coitadinha!* (p. 68) fala do universo da publicidade nos anos 1960, um universo pré-internet de um Brasil que se modernizava e já antecipava muitos dos elementos da era da informação e das redes sociais. Explique que a garota-propaganda é uma das figuras que fazem parte desse universo. Na crônica, o autor mostra, sempre com muita ironia, que nas peças publicitárias as pessoas

estão sempre felizes, os produtos são sempre eficientes, como se na vida real não houvesse tristezas ou imperfeições. Dê como exemplo a frase “Ah... que agradável sensação de bem-estar!” (p. 69). Conclua dizendo que a propaganda, além disso, cria padrões estéticos e de comportamento e inventa necessidades que não havíamos imaginado. Pergunte aos alunos sobre como eles se relacionam com a propaganda nos diversos veículos de comunicação. Têm um olhar crítico diante dela? Em que consiste esse olhar crítico? Que questionamentos costumam fazer diante da propaganda de um produto? O que têm a dizer sobre a felicidade artificial mostrada pelas peças de propaganda? E sobre a eficiência que ostentam dos produtos?

3. **SOCIOLOGIA** Na crônica *O milagre*, há uma crítica irônica à religiosidade artificial das pessoas que andam sempre em busca de um milagre e, por vezes, acabam caindo na conversa de charlatães e outros mercadores da fé. Isso fica evidente no verbo de elocução usado para apresentar essa frase:

“– Milagre!!! – quiseram todos.” (p. 73)

Comente que o emprego da forma verbal *quiseram*, nesse trecho, exprime o ardente desejo de “todos” de acreditar no milagre, ainda que houvesse dúvidas sobre o fenômeno. Leve os alunos a perceber como, ao deslocar o verbo de seu sentido habitual, o autor também realça a ironia que permeia a maioria de suas crônicas quando quer fazer uma crítica a determinado fato ou comportamento.

Na mesma crônica, peça que notem também o tom bíblico, notadamente irônico, na cena que se segue à constatação de que o que viam era um milagre:

“– Milagre!!! – repetiam todos. E o grito de ‘Milagre!!!’ reboou sobre montes e rios, vales e florestas, indo soar no ouvido de outras gentes, de outros povoados. E logo começaram as romarias.” (p. 74)

Explique que o embate entre fé e racionalidade é uma questão que remonta aos primórdios do cristianismo, quando a religião cristã preconizava que à fé bastava a simples crença, enquanto a racionalidade defendia que não devemos aceitar as coisas prontas ou dadas, mas questionar sempre.

Conclua dizendo que esse embate continua atual, estando no cerne das discussões sobre a influência da religião na política e sobre a laicidade do Estado. Ao final, indague dos alunos: Independentemente da crença que se tenha, como você acha que deve ser a relação entre fé e razão? E entre política e religião?

4. **SOCIOLOGIA** Por meio de algumas crônicas, leve os alunos a perceber as mudanças de espírito de época em relação ao período em que Stanislaw Ponte Preta produziu seus textos. Comente que, naquele tempo, os anos 1950 e 1960, o comportamento como o dos personagens de *Levantadores de copo* era tido como comum mesmo entre leitores mais críticos. Informe que nos anos 1960, as mulheres começaram a reivindicar seus direitos por igualdade, não apenas no mercado de trabalho, mas também nas relações amorosas, sociais e individuais. Escrever uma crônica mostrando quatro maridos bebendo e chegando em casa bêbados podia não incomodar naquele período, mas hoje esse comportamento é inadmissível e reprovado pela moral de nosso tempo. Chame a atenção dos alunos, porém, para não confundir moral com moralismo.

Em outra crônica, *Testemunha tranquila*, o autor descreve cenas de violência contra uma mulher. Leve os estudantes a ler com olhar crítico uma crônica desse teor, sobretudo o final, quando o narrador diz:

“Os caros leitores perguntarão: ‘E você? Assistindo àquilo tudo sem tomar uma atitude?’. A pergunta é razoável. Eu tomei uma atitude, realmente. Desliguei a televisão, a imagem dos dois desapareceu e eu fui dormir.” (p. 32)

Pondere com os alunos que a violência contra a mulher não é “razoável”, mas totalmente inaceitável. Saliente que o título da crônica já é problemático: “Testemunha tranquila”. Não se pode ficar tranquilo diante de uma mulher que sofre agressões.

Lembre a eles a frase, bastante difundida até bem pouco tempo: “Em briga de marido e mulher não se mete a colher”. Comente que ela está em sintonia com a frase do personagem de outra crônica, *Testemunha ocular*:

“[...] ‘Bem feito’ – ia pensando – ‘que é que eu tinha que entrar nessa encrenca?’ [...]” (p. 40).

Comente que, neste trecho, o personagem se arrepende de ter intercedido em favor da mulher que era agredida. Comente com os alunos que, hoje em dia, existe o consenso de que essa frase teve o seu sentido invertido, sendo uma obrigação das pessoas de “se meter” ou de chamar uma autoridade policial.

Conclua dizendo que o objetivo dessas reflexões é levá-los a aprender a ler em perspectiva, sabendo discernir o espírito de época em que as ideias são difundidas e conhecendo o que preconiza a ética de seu tempo.

PARA O ALUNO

LIVROS

BRAGA, Rubem. *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011. (Coleção Livro Vira-Vira)

Obra fundamental para quem quer conhecer a crônica brasileira, traz 200 crônicas daquele que é considerado o fundador da crônica moderna no Brasil e um de seus principais expoentes.

CAMINHA, Pero Vaz de. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. São Paulo: Moderna, 1999.

A crônica, na sua origem, designava uma relação de acontecimentos numa sequência cronológica. Assim, esteve relacionada aos registros dos feitos da humanidade, em especial da nobreza. É nesse sentido que se pode dizer que Pero Vaz de Caminha foi o primeiro cronista do Brasil, pois, na carta para o rei D. Manuel, retratou tanto o modo de vida dos indígenas como o cenário da nova terra.

CAMPOS, Paulo Mendes. *Crônicas escolhidas*. São Paulo: Ática, 1981.

Publicação que traz o melhor de um dos mais refinados cronistas brasileiros (que também é poeta). Nas páginas deste livro, o leitor pode tomar contato com as agudas e bem-acabadas percepções de Paulo Mendes Campos sobre as realidades mineira e carioca de seu tempo.

CASTRO, Ruy. *Crônicas para ler na escola*. Seleção e apresentação de Sylvia Helena Cyntrão. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. (Coleção Para ler na escola)

Antologia organizada por temas de crônicas de Ruy Castro, um dos grandes cronistas em atividade hoje em um país que tomou o gênero crônica para si, criando um estilo próprio de escrevê-las.

CUNHA, Antonieta (org.). *Marcos Rey – Crônicas para jovens*. São Paulo: Global, 2011. (Coleção Crônicas para Jovens)

Antologia de crônicas do escritor, romancista e cronista paulistano Marcos Rey, em que ele explora o lado cômico e trágico dos seres humanos em textos primorosos.

MEDEIROS, Martha. *Liberdade crônica*. Porto Alegre: L&PM, 2015.

Cronista de linguagem ágil e moderna, em sintonia com a vida contemporânea. Em seus textos, a gaúcha Martha Medeiros expõe os principais dilemas da mulher contemporânea, seu imaginário, seus desejos e anseios com os dois pés fincados em uma realidade fragmentada e complexa.

PRATA, Antônio. *Meio intelectual, meio de esquerda*. São Paulo: Editora 34, 2010.

Antonio Prata – filho de outro grande cronista, Mário Prata – já foi saudado como o grande nome da crônica da nova geração. A qualificação lhe cai bem, haja vista o virtuosismo com que manipula as palavras para elaborar crônicas que procuram situar o narrador (e o leitor, que com ele acaba se identificando) em um mundo repleto de absurdos, contradições, mas também de boas surpresas e comunhões.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Comédias para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

O título chama de *comédias*, mas trata-se de crônicas bem-humoradas de Luis Fernando Verissimo, escritor, cronista e cartunista gaúcho, que herdou do pai, Erico Verissimo, o gosto pela boa escrita e pelo pensamento – seus textos, mesmos os que contêm humor, sempre trazem um quê de reflexão sobre a condição humana.

CANÇÕES ↘

Alegria, alegria, com Caetano Veloso.
[crônica *A garota-propaganda, coitadinha!*]

Canção que fala dos novos tempos que sopravam nos anos 1960, época da revolução comportamental da juventude, com a modernidade se incorporando ao dia a dia das grandes cidades por meio de *outdoors*, propagandas, modelos, cenas de filmes, notícias, programas de televisão, guerrilhas urbanas, um cenário pré-internet, mas que já prenunciava a hegemonia dos meios de comunicação de massa e da Indústria cultural.

Disponível em: <<http://mod.lk/alegria>>.

De frente pro crime, de João Bosco e Aldir Blanc, com João Bosco. [crônicas *Testemunha ocular e Repórter policial*]

Espécie de crônica em forma de canção que descreve elementos bastante presentes no dia a dia nacional, como crimes, futebol, religiosidade, malandragem, camelôs, samba.

Disponível em: <<http://mod.lk/defrente>>.

Chororô, de Gilberto Gil. [crônica *Pedro – o homem da flor*]

Nesta canção, Gilberto Gil faz uma espécie de descrição compreensiva do choro, buscando explicar as motivações por trás de cada tipo de choro.

Disponível em: <<http://mod.lk/gilberto>>.

Estado violência, de Charles Gavin, com a banda Titãs. [crônica *Do teatro de Mirinho (a burocracia do buraco)*]

Canção que crítica o poder absoluto e impessoal do Estado moderno sobre as pessoas, com sua forma coercitiva de existir, na forma de leis que nem sempre são justas e da burocracia fria dos departamentos públicos, tão criticados por Stanislaw Ponte Preta em suas crônicas.

Disponível em: <<http://mod.lk/estadovi>>.

Flores em você, com a banda Ira! [crônica *Pedro – o homem da flor*]

A letra de Edgard Scandurra mostra um eu lírico reflexivo, que faz uma espécie de inventário de seus sentimentos, como costuma acontecer às pessoas apaixonadas, e conclui que vê flores na pessoa amada. O arranjo da melodia, no qual sobressai o som do violino, sugere um clima de música clássica, que só empresta mais romantismo à canção.

Disponível em: <<http://mod.lk/floresem>>.

Homenagem ao malandro, de Chico Buarque. [crônica *Ladrões estilistas*]

A letra de Chico Buarque dá notícia de um novo tipo de malandro que estaria surgindo no Brasil, mais profissional e atuando em novos âmbitos, desconhecidos dos antigos malandros, como a política, a iniciativa privada e as colunas sociais.

Disponível em: <<http://mod.lk/homenage>>.

Não vem que não tem, de Wilson Simonal. [crônica *O milagre*]

Wilson Simonal foi o principal representante de um movimento musical chamado “pilantragem”, que exaltava um tipo de malandro carioca, mas que não teve muita continuidade na música popular brasileira. O espírito dessa canção dialoga com muitos personagens das crônicas de Stanislaw Ponte Preta.

Disponível em: <<http://mod.lk/naovem>>.

Pais e filhos, de Renato Russo com a banda Legião Urbana. [crônica *Ano-Bom*]

Tocante canção dos anos 1990 que fala dos dramas e alegrias do universo adolescente, mas que acaba emocionando também os adultos, por falar dos dramas e alegrias dos pais e seus conflitos com os filhos e dos filhos em conflitos com seus pais. A canção ainda tem a delicadeza de abranger vários formatos de famílias, e não apenas a família tradicional. Termina fazendo uma ode do amor entre as pessoas.

Disponível em: <<http://mod.lk/paisefil>>.

Panis et circenses, de Caetano Veloso e Gilberto Gil, com Os Mutantes. [crônica *A garota-propaganda, coitadinha!*]

Canção que prenuncia a sociedade do espetáculo com a hegemonia dos meios de comunicação de massa, fazendo referência à sociedade do pão e circo romana.

Disponível em: <<http://mod.lk/panis>>.

Vovó Ondina é gente fina, com a banda Paralamas do Sucesso. [crônica *A velha contrabandista*]

Tal como a antológica personagem de Stanislaw Ponte Preta, vovó Ondina gosta de *rock* e enfrenta as autoridades policiais com muita galhardia.

Disponível em: <<http://mod.lk/ondina>>.

Procissão, de Gilberto Gil. [crônica *O milagre*]

A canção de Gil faz uma reflexão crítica sobre a religiosidade popular, que se preocupa mais com possíveis milagres e questões metafísicas do que com a sobrevivência concreta, sendo instrumentalizadas, muitas vezes, por religiosos inescrupulosos e por políticos populistas.

Disponível em: <<http://mod.lk/procissa>>.

CRÔNICAS ↗

ÂNGELO, Ivan. Sobre a crônica. Veja *São Paulo*, 18 set. 2009.

Crônica metalinguística de Ivan Angelo, exímio contista e também cronista que faz parte do grupo dos grandes cronistas brasileiros. Nesta crônica, ele comenta as controversas que existem na busca por uma definição do gênero crônica.

Disponível em: <<http://mod.lk/ivan>>.

PARA O PROFESSOR

LIVROS

AMÂNCIO, Moacir (org.) *Cronistas do Estadão*. São Paulo: *O Estado de S.Paulo*, 1991.

Valioso registro dos autores que escreveram crônicas para o centenário jornal paulista *O Estado de S.Paulo*, trazendo textos desde o tempo da Velha República, no final do século XIX, até o início dos anos 1990, quando a obra foi publicada.

BARBOSA, Mariana (org.) *Pós-verdade e fake news – Reflexões sobre a Guerra de narrativas*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

Obra fundamental para se entender o fenômeno das *fake news* e das pós-verdades, com textos escritos por grandes profissionais das áreas envolvidas com o assunto, como jornalistas, cientistas sociais, professores, cientistas, entre outros.

BRAGA, Rubem. *O poeta e outras crônicas de literatura e vida*. Organização de Gustavo Henrique Tuna. São Paulo: Global, 2017.

Pequena seleção de crônicas de Rubem Braga que traz os textos mais celebrados do autor e ainda algumas pouco conhecidas do leitor, que poderíamos chamar de “crônicas de circunstâncias”, em que ele escreve sobre seus amigos mais próximos.

CONY, Carlos Heitor. *Quase antologia – As melhores crônicas de Carlos Heitor Cony na Folha de S.Paulo*. Organização e apresentação de Bernardo Ajzenberg. São Paulo: Três Estrelas, 2018.

Seleção das crônicas de jornal (*Folha de S.Paulo*) de um dos mestres da crônica no Brasil, que era também renomado romancista. Uma das principais características de suas crônicas são a agudeza da crítica política e social.

COSSON, Rildo. *Letramento literário – Teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

Obra voltada para professores que buscam fazer do letramento literário uma atividade significativa para si e para os estudantes. No livro, o autor e professor Rildo Cosson, do Departamento de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mostra como reformular, fortalecer e ampliar o estímulo à leitura no ensino básico para além das práticas usuais. Ele também analisa a relação entre literatura e educação, propondo a construção de uma comunidade de leitores nas salas de aula e sugerindo oficinas para o professor adaptar seu trabalho ao letramento literário, orientando, assim, a produção de sequências de atividades com foco na leitura literária.

DUNKER, Christian; TEZZA, Cristóvão *et al.* *Ética e pós-verdade*. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

Neste livro, cinco escritores – entre eles dois filósofos – analisam a predominância ou não da ética na sociedade atual, apontando caminhos para eliminar das relações sociais aquilo que se convencionou chamar de pós-verdade, um conceito que se mostra nocivo às práticas democráticas.

HARARI, Yuval Noah. *21 lições para o século 21*. Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Obra fundamental para se compreender as implicações do mundo neste início de século. Neste livro, o professor da Universidade Hebraica de Jerusalém analisa com refinada argúcia os aspectos históricos, geopolíticos, tecnológicos, humanos, éticos, metafísicos,

culturais de um mundo que se encontra na antessala da disrupção trazida pelo advento dos mecanismos biotecnológicos da inteligência artificial.

MACHADO, Ana Maria. *Uma rede de casas encantadas*. São Paulo: Moderna, 2012.

Cinco ensaios em que a escritora Ana Maria Machado discorre sobre literatura, literatura infantojuvenil, poesia e o seu processo de criação literária com base em sua trajetória de mais de cinco décadas como escritora, educadora, intelectual e jornalista.

PINTO, Manuel da Costa (org.). *Antologia de crônicas – Crônica brasileira contemporânea*. São Paulo: Moderna, 2005. (Coleção Lendo & Relendo)

Seleção de crônicas de alguns dos melhores autores em atividade no final do século XX e início do XXI.

RIO, João do. *A alma encantada das ruas*. Organização de Raul Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Livro que se constitui um registro histórico e sociológico do Rio de Janeiro do início do século XX por um dos primeiros cronistas brasileiros, João do Rio. Publicadas na imprensa entre 1904 e 1907, as crônicas de *A alma encantada das ruas* revelam “a cosmópolis num caleidoscópio”, segundo o texto de quarta capa do livro. Um importante documento dos primeiros anos da República no Brasil.

TEZZA, Cristóvão. *O espírito da prosa – Uma autobiografia literária*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

Cristóvão Tezza, romancista e ensaísta brasileiro contemporâneo, faz nessa obra uma autobiografia com foco em sua formação como escritor e nas subjetividades que cercam o ofício de escrever.

PEÇAS DE TEATRO ↘

SUASSUNA, Ariano. *As conchambranças de Quaderna*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

Peça teatral de 1987 na qual o protagonista Dom Pedro Dinis Quaderna narra três imbróglis de que tomou parte e nos quais teve de fazer uma série de conchavos para resolver as situações.

VÍDEOS ↘

A mudança do lugar da mulher na sociedade. Belinda Mandelbaum. Casa do Saber, jun. 2019. Duração: 8min2s.

Nesse vídeo, Belinda Mandelbaum, professora do Instituto de Psicologia da USP e coordenadora do Laboratório de Estudos da Família do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, discorre sobre as recentes mudanças do *status* da mulher nas sociedades ocidentais e sua situação atual, nos primeiros anos do século XXI, que ainda requer muitas transformações para que se chegue à igualdade social.

Disponível em: <<http://mod.lk/mudana>>.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Tradução do grego e do latim de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2014.

Coletânea de obras clássicas que estão na origem dos estudos literários sobre a ficção e seus elementos de composição.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

O que é um círculo de leitura? É um grupo de pessoas que se reúne com o objetivo de discutir a leitura de uma obra em um lugar qualquer – na escola, na biblioteca, em cafés ou livrarias, na casa de amigos e até mesmo em discussões *on-line*. Nesta obra, Rildo Cosson, professor na área de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), apresenta uma proposta de organização e de funcionamento de um círculo de leitura. Ele orienta e fornece embasamento para a criação de atividades que possam auxiliar educadores e leitores, ampliando a grande diversidade de interesses que existe na atividade de leitura, e convida o leitor a formar o seu próprio círculo de leitura.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. *Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa*. 18. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

Estudiosa das questões que envolvem a interdisciplinaridade desde os anos 1970, formada pela USP, mestre em filosofia da educação pela PUC-SP e doutora em antropologia cultural pela USP, a professora Ivani Fazenda acredita que, “ao buscar um saber mais integrado e livre, a interdisciplinaridade conduz a uma metamorfose que pode alterar completamente o curso dos fatos em Educação; pode transformar o sombrio em brilhante e alegre, o tímido em audaz e arrogante e a esperança em possibilidade”.

JOUVE, Vincent. *Por que estudar literatura?* Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012. (Coleção Teoria Literária)

Obra dirigida aos pesquisadores em teoria literária e da arte, aos professores e estudantes de literatura e a todos os amantes da literatura. Discorre sobre a arte literária e seus elementos de formação.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Pequena obra introdutória pelos caminhos da literatura que analisa a ficção e seus elementos constituintes.

LONTRA, Hilda Orquídea H. (org.). *Histórias de leitores*. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Oficina Editorial do Instituto de Letras UnB, 2006.

Obra que reúne textos que tratam do processo de constituição da identidade pela leitura, recuperando vivências permeadas de afetividade que têm em comum o resgate do prazer do convívio com os textos literários.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura*. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

Ler é quase sempre uma atividade solitária, que implica, paradoxalmente, uma abertura para o outro. Nesta obra, a antropóloga Michèle Petit discorre sobre as múltiplas dimensões envolvidas na experiência da leitura.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto I*. São Paulo, Perspectiva, 1996. (Série Debates: Crítica)

Com base no tema da ambiguidade humana, Anatol Rosenfeld, um dos maiores críticos brasileiros, revela as conexões entre a literatura, o teatro, a poesia, o cinema e a pintura, estabelecendo painéis críticos que ainda hoje impressionam por sua originalidade e inovação.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

Obra introdutória ao assunto, mas nem por isso menos aprofundada, que discorre sobre o gênero crônica tomando como base os principais cronistas do Brasil. No final, traz um proveitoso vocabulário crítico com os principais conceitos que cercam o ofício do cronista.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Série Princípios)

Nesta obra introdutória ao tema, a professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Angélica Soares retoma a discussão iniciada por Platão e Aristóteles na Antiguidade grega sobre os gêneros literários e a natureza da obra literária, seja ela a epopeia, o conto, a crônica, o ensaio, a novela, perpassando as formas dramáticas (tragédia, comédia e drama) e contemplando as recentes rupturas de paradigma trazidas pelo advento do pensamento pós-moderno nas letras e nas artes.

TERZI, Sylvia Bueno. *A construção da leitura – Uma experiência com crianças de meios iletrados*. Campinas, SP: Pontes; Editora da Unicamp, 1995.

A autora relativiza a ideia de que toda criança, ao chegar à escola, já traz consigo um conhecimento

sobre a escrita – segundo ela, é preciso considerar a sua origem familiar e social e modular o aprendizado e a construção da leitura.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 3. ed. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

Todorov faz a crítica do ensino de literatura na atualidade, baseado no formalismo-estruturalismo, ao mesmo tempo que defende a leitura e a literatura como campos de aprendizado e de formação humana.

WOOD, James. *A coisa mais próxima da vida*. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2017.

Os textos desta obra de James Wood, professor da Universidade de Harvard e ensaísta na revista *The New Yorker*, buscam identificar e comentar as relações entre literatura e realidade, discorrendo sobre temas como religião, morte, exílio, detalhe, mostrando de que modo a literatura percorre todos esses âmbitos da experiência humana.

(Todos os links de páginas da internet presentes neste material foram acessados em 23 out. 2020).